

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

CANCIONEIRO DE S. SIMÃO DE NOVAIS. SEGUNDA SÉRIE.

LIMA, Fernando de Castro Pires de

Ano: 1925 | Número: 35

Como citar este documento:

LIMA, Fernando de Castro Pires de, Cancioneiro de S. Simão de Novais. Segunda série. *Revista de Guimarães*, 35 (2) Abr.-Jun. 1925, p. 90-93.

Casa de Sarmiento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães
E-mail: geral@csarmento.uminho.pt
URL: www.csarmento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

CANCIONEIRO
DE
S. SIMÃO DE NOVAIS

(SEGUNDA SÉRIE)

COLIGIDO POR
FERNANDO DE CASTRO PIRES DE LIMA

(Cont. do n.º anterior, pág. 32)

613

Debaixo d'água se criam
peixinhos que nadam bem :
também me ando a criar
no mundo, não sei p'ra quem...

615

De correr venho cansada,
de cansada me sentei :
se já achei o que eu queria,
agora descansarei.

617

Dei o nó na fita verde,
dei outro na vermelhinha :
inda espero de dar outro
na tua mão e na minha...

618

Deite-me dessa janela
um cabeloiro à rua :
eu quero quando morrer
levar uma prenda tua.

614

Debaixo d'este arvoredor
quem me cobre são as fôlhas.
Da má vista que me botas,
aiho-porro, não me tolhas!

616

De encarnado veste a rosa,
de verde o mangericão,
de branco veste a açucena,
de preto meu coração...

617

Nunca eu noutra o dera,
nunca o chegara a dar :
dei-o com a mão direita,
não o posso desatar... (1)

619

Dei uni aj — tu não ouviste!
Suspirei — não deste fé!
O meu coração é teu,
o teu não sei de quem é...

(1) Cf. 323.

620

Dei um lenço à Constança
sem meu pai nem mãe saber.
O' Constança, dá-me o lenço,
que já lho foram dizer!

622

Delicado é o fumo,
que vaza a telha dobrada.
Delicados são teus olhos,
que namoram de pancaça.

624

Deste-me uma pera verde,
que havia de amadurar.
Olha o amor que me tens:
tu querias-me enganar... (2)

626

Diga-me lá, ó menina,
com que lava o seu cabelo?
Com umas ervas do monte,
que se chamam *tormentelo*.

628

Dizeis que não sei cantar?
Eu vou cantar como sei:
assim eu cantarei sempre,
que outra moda não sei. (3)

630

Dizeis que já não há rosas
lá no Rio de Janeiro?
Eu 'inda ontem vi uma
ao peito dum brasileiro.

632

Dizeis que tenho um amor
no caminho da Igreja?
Até aqui era mentira,
agora, verdade seja...

634

Êle chove, êle chuveisca;
esta chuva donde vem?
Vem dos teus olhos, menina,
ou do coração de alguém.

621

Deixa-me ir dormir contigo
(uma noite não é nada!)
Eu entro pelo postigo,
e saio de madrugada...

623

De Lisboa me mandaram
uma cotovia assada,
por fora cheia de doce,
por dentro de marmelada. (1)

625

Destes um ai piedoso
ao deitar na tua cama;
fizeste quebrar as penas
a quem deveras te ama.

627

Dizeis que não pode ser
silva verde dar um cravo?
Se aqui o trago no peito
na mesma silva pegado...

629

Dizes que me queres bem?
Juras que me tens amor?
No mundo há mil enganos:
quem te dá por fiador?

631

Dizeis que não tenho cama,
que durmo no chão varrido?
Tenho cama, tenho roupa...
Falta quem durma comigo!

633

Dói-me tanto a cabeça,
que me quer cair ao chão:
dai-me mais uma pinguinha,
ou ela me caia, ou não...

635

Êle chove, êle chuveisca
uma chuva miúdiinha:
eu hei-de me ir abrigar
na tua casa, Rôsinha...

(1) Cf. 306, 307.

(2) Variante de 339, 340.

(3) Cf. 185.

636

Êle está de nevoeiro
e mais não há-de chover.
O meu amor 'stá doente
e mais não há-de morrer.

638

Esta carta foi escrita
uma hora depois de ceia;
um 'screvia, outro notava,
um tinha mão na candeia.

640

Este pandeiro que eu toco
não é meu, é de Maria,
que eu pedi-lho emprestado
p'ra levar à romaria.

642

Estes rapazes de agora
andam todos de espingarda,
para tornar os mosquitos
que lhe não piquem na barba...

644

Estes rapazes de agora
foram todos ao rapé,
por causa das raparigas
que fizeram um banzé.

644

Aí vem combóio novo,
carregado de bandeiras:
batei palmas e palminhas,
ó raparigas solteiras!

645

Estes rapazes de agora
são bonitos, trajam bem;
também é o que lhes vale,
que êles dinheiro não têm.

637

E' noite, o sol está pôsto,
menina, vai-te deitar.
Que eu também farei o mesmo
que tenho de madrugal! (1)

639

Esta noite, à meia-noite,
nem meia-noite seria,
dei uma volta na cama,
virei-me p'ra quem eu qu'ria.

641

Estes rapazes de agora,
estes que de agora são,
comem papas de farelo
adubadas com sabão. (2)

643

Estes rapazes de agora,
estes que de agora são,
para andar asseadinhos
comem o caldo sem pão.

644

Fizeram grande banzé,
meteram medo ao povo.
Alegrai-vos, raparigas,
aí vem combóio novo.

644

Aí vem combóio novo,
vem cheio de bandeirinhas!
Alegrai-vos, raparigas,
batei palmas e palminhas.

646

Estes rapazes de agora
todos têm o seu vintém:
prometem dez réis às almas,
a ver se a barba lhes vem.

(1) Cf. 225, 226.

(2) Cf. 188.

647

Estes rapazes de agora
são franguinhos de vintém :
prometem dez réis às almas
a ver se a barba lhes vem...

649

Eu ando por 'qui de uoite,
as folhinhas me põem negro.
Acautele esta menina,
que ela é o meu degrêdo.

651

Eu canto p'ra espalhar,
não é nenhuma loucura ;
vou cantando e vou pedindo
ao Senhor boa ventura.

653

Eu casei-me por um ano,
a ver a sorte que tinha :
o ano vai-se acabando...
Quem me dera solteirinha ! (2)

655

Eu de cá e vós de lá,
caravelha duma cesta.
Nunca venceste demanda,
nem haveis de vencer *ésta*.

657

Eu gosto muito das peras,
sendo elas cabaçais.
Eu gosto muito das velhas,
mas das novas muito mais !

659

Eu hei-de ir comer castanha,
acima dum castanheiro.
Eu hei-de casar bem cedo ;
há-de ser c'um sapateiro.

648

Estou morta por que venha
o tempo que há-de vir :
o tempo das esfolhadas,
para eu me divertir ! (1)

650

Eu bonita não *no* sou,
riqueza não a ganhei :
Diz-me cá, ó meu amor !
De que forma te agradei ?

652

Eu casei-me, cativei-me,
troquei a prata ao cobre :
eu troquei a liberdade
por dinheiro que não corre.

654

Eu cortei a flor à murta,
o rabo ao papagaio.
Raparigas do meu tempo :
se quereis comer, ganhai-o.

656

Eu fui ao Senhor do Monte,
numa pedra me sentei :
com sentido no amor
nem a 'sniola ao Santo dei...

658

Eu hei-de amar uma pedra,
e ao teu coração não :
porque a pedra não se queixa,
tu queixas-te sem razão...

659

O' vida da minha vida !
verde cana te direi :
há-de ser c'um sapateiro —
decerto que me enganei...

(Continua).

(1) *Variante* : Estou mortinha que venha
o tempo que está p'ra vir :
o tempo das esfolhadas,
p'ra eu me *adivertir* !

(2) *Variante* de 292.